

nimados que fugiram de Jerusalém em busca de uma aldeia para a desilusão e o desânimo... "Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre", através de seus re-presentantes fará estrada com todos eles, entrará em suas casas e choupanas, explicar-lhes-á as Escrituras, celebrará a Eucaristia. Espontaneamente, o "seu coração arderá" e voltarão à Comunidade (cf Lc 24,13-35<sup>(7)</sup>).

#### NOTAS

(1) – O caminho percorrido até o Documento de Trabalho foi longo e árduo: a) houve dois Documentos bem gerais de consulta que foram pouco conhecidos, mal recebidos e bem criticados; b) depois veio o Instrumento Preparatório: "Elementos para uma reflexão pastoral em preparação à IVª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano"; c) o Papa indicou os temas a serem abordados em Santo Domingo. A partir dessa indicação elaborou-se novo "Documento de Consulta: Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã"; d) surge, enfim, o "Documento de Trabalho: Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã", que tenta sintetizar os trabalhos anteriores e as diversas "relaciones". A redação e o esquema são completamente novos.

(2) TABORDA, F. "A Vida Religiosa no Documento de Santo Domingo", em "A Vida Religiosa na perspectiva de Santo Domingo", Cadernos da CRB, n.16, Ed. LOYOLA, SP, 1993, p.16

(3) Discurso de Abertura do Papa João Paulo II, em "Santo Domingo – Conclusões", Ed. LOYOLA, SP, 1993, n.10, pp.18-19

(4) GRINGS, D., "A Conferência de Santo Domingo", em "Teocomunicação", vol.23, n.99, março de 1993, p.16

(5) TABORDA, F., loc. cit., pp.16-17

(6) Discurso de Abertura do Papa João Paulo II, loc. cit., n.23, p.30

(7) cf Mensagem da IVª Conferência aos Povos da América Latina e Caribe, em "Santo Domingo – Conclusões", Ed. LOYOLA, SP, 1993, nn.13-27, pp. 50-53

Endereço do autor:

rua Esteves Júnior, 447, Centro  
88015-530 FLORIANOPOLIS, SC

## A PNEUMATOLOGIA DE SANTO DOMINGO

Pe. Orlando Brandes  
Professor de Pneumatologia

### Introdução

Não podemos querer que o Documento de Santo Domingo seja um tratado de teologia. Sua finalidade é outra. Mas, em relação à pneumatologia, faz-se necessária a investigação teológica ao menos por dois motivos. Primeiro, porque a temática central trata da *evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Estes temas são essencialmente ligados à teologia do Espírito Santo. Em segundo lugar, porque documentos do Magistério, anteriores a Santo Domingo, produziram um acerco considerável de reflexões em relação ao nosso tema, ou seja, sobre a pneumatologia, a evangelização e a inculturação. São documentos afins ao nosso estudo, ou melhor, afins à temática central de Santo Domingo.

Lendo o belo e inspirado livro "Santo Domingo, Uma leitura pastoral", Ed. Paulinas, SP, 1993, percebi que nenhuma atenção foi dada à pneumatologia. Pelo fato de estar agora lecionando esta matéria no ITESC, fui buscar, com certa ansiedade, inspiração e ajuda no próprio Documento. A partir desta experiência, motivei-me a escrever o presente artigo.

### 1. Santo Domingo se auto-denomina como um Pentecostes

Pentecostes não acontece uma única vez. Como diz João Paulo II: "Pentecostes é o início de um processo duradouro" (*Osservatore Romano*, 3.12.1989). No livro dos Atos dos Apóstolos constatamos a repetição do fenômeno do Pentecostes. Assim temos, além do acontecimento no Cenáculo de Jerusalém (At 2), o Pentecostes na comunidade, após a libertação de Pedro e João (At 4,23-31), o Pentecostes na Samaria (At 8,5-25), o Pentecostes em Cesaréia, na casa do pagão Cornélio (At 10), o Pentecostes em Éfeso (At 19) etc. Para o nosso estudo, chama a atenção o Pentecostes dos gentios ou pagãos, na casa de Cornélio, que João Paulo II costuma denominar "o Pentecostes de todas as nações", que depois se multiplica "sob todos os céus" (*Osservatore Romano*, 24.12.1989).

Nossos Bispos, reunidos em Santo Domingo, crêem que ali também foi Pentecostes: "Impulsionados pelo Espírito, reunidos como num novo Cenáculo e animados pelo mesmo Espírito, dispomo-nos a impulsionar, com novo ardor, uma Nova Evangelização" (SD n.1). Mais clara ainda é a afirmação que encontramos no n.301, quase no final do Documento: "Colocamo-nos sob a ação do Espírito que desde Pentecostes conduz a Igreja no amor. Ele nos concedeu a graça do Vaticano II e das Conferências Gerais do Rio, de Medellín e de Puebla".

### Reunidos em Santo Domingo, crêem que ali também foi Pentecostes

Como em Pentecostes, nossos Bispos, com a força do Espírito Santo, afirmam que a Nova Evangelização tem seu ponto de partida exatamente do Espírito que a conduz pelo processo contínuo de conversão, pela diversidade dos carismas e pela multiplicidade dos ministérios (cf SD n.23).

### 2. Santo Domingo confessa um velho "pecado anti-pneumático"

Eis a confissão de um antigo pecado: "Pregamos pouco acerca do Espírito Santo" (n.40). Pena que o Documento não se perguntou por que acontece tal anomalia ou até tal patologia no catolicismo. Heribert MÜHLEN, no seu livro "Fé cristã renovada" (Ed. LOYOLA, SP, 1980), afirma que tal "ateísmo pneumático" se deve à helenização do cristianismo, quando transformamos Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, num "Ser Absoluto", e nos afastamos do contacto com a Palavra de Deus. Para o maior pneumatólogo de nossos dias, Pe. Yves CONGAR, o problema está no "Cristomonismo" ou no "jesuísmo", isto é, vivemos como se o Espírito não existisse e como se a Páscoa fosse o último acontecimento salvífico. Se os protestantes têm

“só a graça”, nós, católicos, temos “só Jesus”. É o Cristomonismo. Arremata então José COMBLIN: “A grande vítima de tudo isso é o Espírito Santo”. Outros, com o Pe. CONGAR, dizem que Maria, ou melhor, o “mariocentrismo”, tomou o lugar do Espírito Santo, pois tudo aquilo que dizemos de Maria, como p.ex., que “ela forma Jesus em nós”, que “ela é a consoladora, a advogada, o caminho para Jesus, a guia dos cristãos” etc, tudo isso a Bíblia diz, não de Maria, mas do Espírito Santo!

Comumente ouvimos dizer que o Espírito Santo é o “Amor não amado”, ou ainda, “o Deus desconhecido”, Deus “sem rosto” por não ter-se encarnado. Sensibilizado pela “vacância pneumatológica”, o papa Paulo VI pedia, na Audiência Geral de 6.7.1973: “É preciso que se faça com urgência um estudo e um culto renovado ao Espírito Santo, como complemento do ensino conciliar” (cf Encíclica “*Dóminum et Vivificantem*”, de João Paulo II, n.2)

---

### **“Pregamos pouco acerca do Espírito Santo”**

---

Mesmo depois desta Encíclica, tendo já Leão XIII consagrado o século XX ao Espírito Santo e escrito a “*Divinum Illud Múnus*” (1897), igualmente sobre o Espírito de Deus, e após a pneumatologia do Vaticano II e tendo-se verificado o aparecimento da Renovação Carismática Católica, e mesmo depois das profundas pneumatologias, escritas quer no âmbito do Magistério, quer no contexto da reflexão teológica, mesmo assim Santo Domingo escreve: “Pregamos pouco acerca do Espírito Santo” (SD n.40).

Com esta confissão, mas também admoestação, de Santo Domingo, e enriquecidos pela vigorosa pneumatologia desenvolvida pelo papa João Paulo II nas Audiências Gerais das quartas-feiras no Vaticano, penso que um novo horizonte se descortina para a teologia e para a pastoral. Todavia, enquanto a catequese não nos educar para uma meditação assídua e diária da Palavra de Deus, e enquanto não formos educados para uma “*Lectio Divina*”, uma leitura orante da Sagrada Escritura, não descobriremos quem é o Espírito Santo.

É preciso, porém, lembrar que, diante de tudo o que lemos, aprendemos ou pregamos a respeito do mistério de Deus e do seu Espírito, é tudo ainda uma “douta ignorância” ou, como dizia Santa Catarina de Gênova: “Quando falo de Deus, estou blasfemando”. A mais elevada teologia é a doxologia, o louvor e a ortopraxia, a ação pastoral. Depois que tudo dizemos sobre Deus, chegamos à conclusão de que Ele “é tudo” (cf Sir 43.27). Ele é “sempre maior”, e o silêncio é a homenagem que lhe rendemos: “*Siléntium tibi laus*”.

Esperamos vislumbrar o fim de um cristianismo sem pneumatologia, de uma moral sem o Espírito Santo, sem “paralese”, de uma evangelização sem “o Principal Evangelizador” (Puebla, n.202). Já o apóstolo Paulo advertia: “Não extingais o Espírito” (1Ts 5,19). Quantos cristãos nasceram e morreram, sem nunca fazerem uma experiência profunda da Pessoa do Espírito Santo! Quantas vezes esses mesmos cristãos celebram a cerimônia do lava-pés, da descida da Cruz, da procissão do Senhor morto, mas nunca celebraram Pentecostes além da missa litúrgica prescrita, muitas vezes mal preparada. Mesmo nós, Igreja de Santa Catarina, transformamos o dia de Pentecostes em “dia da celebração das CEBs” e, ultimamente, em “dia dos ministérios”! É preciso descobrir Pentecostes e sua força transformadora.

### **3. Santo Domingo e sua riqueza pneumatológica**

O ponto alto da pneumatologia de Santo Domingo está na eclesiologia. Tal fato nos leva a uma interrogação: se a Cristologia é o enfoque central da Conferência e se a evangelização, promoção humana e cultura cristã definem o objetivo da IV<sup>a</sup> Assembléia dos Bispos latino-americanos, permanece a interrogação a respeito da pneumatologia eclesiocêntrica em vez de uma eclesiologia missionária, como era de esperar! Vejamos, pois, o conteúdo da pneumatologia “dominicana”.

É o Espírito que leva os membros da Igreja a reconhecerem Jesus como o Senhor (cf n.65), a seguirem Jesus na vocação à santidade e a chamarem a Deus de Pai (n.32). Procedente da missão do Espírito, a Igreja peregrina é enviada a proclamar o Evangelho (cf nn. 11, 12, 55). Pelo Espírito torna-se possível a unidade da Igreja dentro da diversidade dos carismas (n.65). O ponto de partida da Nova Evangelização é o Espírito Santo, através de um processo de conversão, da diversidade dos ministérios e dos carismas (n.23). Na América Latina a obra evangelizadora partiu do Espírito através dos Bispos até os leigos e os indígenas (n.19). A paróquia é definida como fraternidade animada pelo Espírito (n.58) e os jovens são convidados pela iluminação do Paráclito a atuarem na mudança das estruturas sociais, culturais e eclesiais e a conseguirem soluções originais para um desenvolvimento mais humano e mais cristão do futuro (n.111).

Em relação aos Movimentos de Igreja e associações de leigos, o Documento elogia seus frutos e afirma que eles existem pelo impulso do Espírito. Nossos Bispos usaram de benignidade para com os Movimentos eclesiais, muitas vezes combatidos e até excluídos de nossos esquemas pastorais. O Documento alerta os mesmos Movimentos a que não formem uma Igreja paralela mas se integrem na pastoral diocesana e de conjunto (n.102).

Jesus, concebido e ungido pelo Espírito (n.4), proclama o Reino e as Bem-aventuranças e derrama esse mesmo Espírito sobre a Igreja, a qual desde Pentecostes gera novos filhos de Deus “concebidos pelo Espírito Santo” (n.7). No coração destes filhos é derramada pelo Espírito a lei do amor, fundamento da nova moral, e assim podem eles responder à vocação de serem perfeitos e de carregar a cruz (nn. 40 e 46). Por duas vezes aparece esta afirmação: o Espírito nos ajuda a carregar a cruz. De fato, lemos na carta aos Hebreus (Hb 9,14): “Pelo Espírito eterno Jesus ofereceu seu sangue como vítima sem mácula a Deus, para purificar nossa consciência das obras mortas para o serviço do Deus vivo”. Portanto, Jesus carrega sua cruz e se oferece como vítima, sustentado pelo Espírito Santo. Assim, o mesmo Espírito será o “Cirineu” dos discípulos de Jesus.

---

### **O ponto de partida da Nova Evangelização é o Espírito Santo**

---

Com a força do Espírito que ajuda a Igreja a carregar a cruz, nossos Bispos se comprometem a incentivar a Nova Evangelização, que é em si mesma um novo Pentecostes. Dela deverá surgir um povo renovado, constituído de homens livres, conscientes de sua dignidade (n.24).

O Espírito inflama o coração da Igreja, gera mística e entusiasmo, alimenta a riqueza carismática e ministerial, e assim é promovida a Nova Evangelização, a promoção humana e a inculturação (nn. 27, 28, 55). O fervor missionário da Igreja vem do Pentecostes: sob a inspiração do Espírito, os fiéis devem empregar a imaginação e a criatividade para que o Evangelho chegue a todos. Com a graça do Espírito somos capazes de amar a Deus em primeiro lugar e de perdoar a todos sem distinção de raça, nação ou situação econômica (nn. 121, 124).

Constatamos assim que a pneumatologia de Santo Domingo está centralizada na eclesiologia e na missão evangelizadora da Igreja. Passaremos agora a analisar as carências da teologia do Espírito Santo no Documento.

#### **4. Santo Domingo e sua pobreza pneumatológica**

Esta pobreza se reflete na questão da evangelização, promoção humana e cultura cristã. Nesta temática já tínhamos conquistado um tesouro teológico-pneumático. É só lembrar documentos afins como *Ad Gentes*, *Evangelii Nuntiandi*, *Puebla*, *Redemptoris Missio*, e a Catequese semanal de João Paulo II. Neste ponto, Santo Domingo empobreceu a pneumatologia e não soube usufruir das riquezas das fontes acima acenadas. Tal fato decepciona um pouco, porque a temática dava amplo espaço para verdadeiros avanços pneumatológicos.

---

### **A temática dava amplo espaço para verdadeiros avanços pneumatológicos**

---

É claro que o Documento não é omissivo neste campo, mas poderia ter explorado melhor esta dimensão, p.ex. quando diz que "a criação é obra da presença do Espírito, que, desde o início, pairava sobre tudo o que foi criado" (n.169). A ação de Deus dá-se permanentemente no interior de todas as culturas através do Espírito (n.243), e por ele a revelação trinitária entra na história e inaugura um mundo de novos encontros (n.279). A Sabedoria, que encontramos para os novos métodos e expressões da evangelização, provém do Espírito (n.1), e as culturas pré-colombianas já esperavam seu divino orvalho fecundante (n.17). Com a experiência de Pentecostes, o mandato evangelizador pretende chegar a toda cultura (n.228). É, pois, necessário inculturar o Evangelho, pois o Espírito possibilita a todos entender na sua própria língua as maravilhas de Deus (n.229)! Nos povos latino-americanos Deus escolhe para si um povo... fazendo-o participar do seu Espírito. Este pensamento, Santo Domingo o extrai do discurso inaugural do Papa (n.16).

Como podemos ver, é pobre a pneumatologia em relação aos temas da Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã. Esta pobreza não se refere ao que está dito mas ao que, se comparado com os documentos afins, poderia ter sido explorado, enriquecido e até avançado. Cabe-nos então trazer à tona o que dizem os outros documentos.

Começemos pelo Vaticano II, com a *Gáudium et Spes*: "O Espírito de Deus dirige o curso da história com providência admirável e renova a face da terra, e está presente a esta evolução" (n.26). Não há dúvida de que o Espírito já operava no mundo antes da glorificação de Jesus (apesar do que diz o evangelista em Jo 7,39) e não raro ele se antecipa à ação daqueles que dirigem a vida da Igreja (*Ad Gentes*, nn. 4 e 29).

---

### **No documento de Puebla encontramos uma pneumatologia decididamente iluminadora**

---

Nesta mesma ótica, a *Evangelii Nuntiandi* (n.75) afirma que o Espírito Santo é o agente principal e o termo da evangelização. Somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização tem como objetivo, com a unidade na variedade que a mesma ação evangelizadora tenta promover. Através do Espírito, o Evangelho penetra no coração do mundo, porque é ele que faz discernir os sinais dos tempos no interior da história.

É, porém, no documento de Puebla que encontramos uma pneumatologia decididamente iluminadora da evangelização e inculturação. Assim escreveu os Bispos: "O Espírito, que encheu o mundo, assumiu também o que havia de bom nas culturas pré-colombianas... Urge descobrir sua presença autêntica na história deste continente" (*Puebla*, n.201).

O próprio Espírito Santo ajudou os povos pré-colombianos a receberem o Evangelho, pois ele é o "principal evangelizador" (*Puebla*, n.202). Deus derrama seu Espírito sobre todos, sem acepção de pessoas. Quem, ao evangelizar, exclui de seu amor ainda que seja uma única pessoa, não possui o Espírito de Cristo (*Puebla*, n.205). A evangelização leva-nos a participar dos "gemidos do Espírito", que quer libertar a criação inteira (*Puebla*, n.219). Assim, a renovação dos homens e da sociedade vai depender em primeiro lugar da ação do Espírito de Deus, e as leis e as estruturas por ele animadas concretizam o Evangelho na história (*Puebla*, n.199).

Continuando nosso objetivo, passamos agora a analisar a pneumatologia de João Paulo II, restringindo-nos só à catequese semanal das quartas-feiras no Vaticano. Desde 24.4.1989 (cf *Osservatore Romano* de 30.4.1989) até 10.7.1991 (cf *Osservatore Romano* de 14.7.1991), o Papa desenvolveu uma teologia do Espírito Santo. É uma das mais preciosas pneumatologias da atualidade.

---

### **O Espírito Santo é chamado de "Protagonista da Missão"**

---

A primeira função do Espírito, diz o Papa, é "pôr em ação, comunicar dinamismo", como o ar que penetra todo espaço e interstício, pois ele é o guia supremo do homem, a luz do espírito humano. Citando S.Dâmaso, papa no século IV (cf P.L. 191, 1651), João Paulo II escreve: "Toda verdade, por quem quer que seja dita, vem do Espírito Santo". Ele enche o universo. Temos em Pentecostes a primeira forma de inculturação pelo fenômeno do dom das línguas, que significa a missionariedade da Igreja a todas as nações. Cornélio é o primeiro pagão a entrar na comunidade cristã, mas, para efetuar a obra, Deus reeduca a consciência de Pedro com a visão em Jope. "Deus não faz acepção de pessoas, e qualquer nação que pratica a justiça lhe é agradável" (cf At 10,34-35). Os outros apóstolos e cristãos criticaram a atitude de Pedro, por ter entrado na casa de um pagão. Pedro explicou-lhes tudo e assim se dá a vitória sobre a tentação do particularismo: o Espírito Santo fez o Pentecostes de Jerusalém tornar-se também o Pentecostes dos pagãos! (cf *Osservatore Romano*, 17.12.1989)

Pela ação apostólica da Igreja, o Espírito penetra as artérias da história humana, com sua criatividade divina ilumina as soluções dos problemas, faz expandir as potencialidades humanas, inspira as criatividades (cf *Osservatore Romano*, 14.4.1991)

Outra fonte preciosa, onde encontrar a vigorosa pneumatologia de João Paulo II, é a encíclica *Redemptoris Missio*. Aqui o Espírito Santo é chamado de "Protagonista da Missão" (RM n.21). Ele guia os itinerários da Missão (RM n.24), escolhe os territórios e os povos (RM n.21), inspira o concílio de Jerusalém para que os pagãos possam conservar suas tradições e culturas (RM n.24) e ilumina os primeiros missionários a respeitarem essas culturas, sendo seus discursos modelos de inculturação (RM n.25). Paulo dialoga com os valores culturais dos diversos povos e a ação do Espírito se revela universal, sem limite de espaço e de tempo (RM n.28). A pessoa, a sociedade, a história, os povos, as culturas, as religiões, os ideais nobres, as iniciativas benfeitoras da humanidade, são inspiradas pelo Divino Paráclito. Ele dirige o curso do tempo, infunde as "sementes do Verbo"

nos ritos e culturas, abrange tudo e tudo conhece (Sb 1,7) e induz-nos a olhar sua ação, presente em todo tempo e lugar. Enfim, as relações da Igreja com as restantes religiões baseiam-se num duplo aspecto: respeito pelo homem na sua busca de resposta às questões mais profundas da vida, e respeito pela ação do Espírito Santo no mesmo homem (RM n.29).

Perpassamos desse modo as fontes afins do Magistério sobre o Espírito Santo e a ação evangelizadora da Igreja, a promoção humana e a inculturação. Encontramos um tesouro inestimável, o qual ao nosso ver não foi suficientemente contemplado em Santo Domingo, que tinha por linha mestra exatamente esta questão. Por isso afirmamos que houve empobrecimento do tema ou, ao menos, a não utilização das ricas fontes já existentes sobre o assunto.

### Conclusão

Nosso estudo sobre a pneumatologia no Documento de Santo Domingo constatou alguns elementos que agora queremos salientar, em forma de conclusão:

a) O eixo central das reflexões pneumatológicas é a eclesiologia, e nesta direção encontramos uma riqueza de dados.

b) Por outro lado, não foi suficientemente explorada toda a teologia do Espírito Santo em relação à inculturação, teologia esta já elaborada belamente nos documentos *Ad Gentes, Puebla, Redemptoris Missio* e outros.

c) Os documentos anteriores a Santo Domingo acentuaram a presença do Espírito nas culturas. Parece-me, salvo melhor juízo, que esta perspectiva não foi suficientemente refletida na pneumatologia da IVª Conferência dos Bispos latino-americanos.

d) É sintomática a advertência feita no Documento a respeito de um dado real em nossa Igreja: "Pregamos pouco acerca do Espírito Santo" (SD n.40). Como vimos em nossas reflexões, os teólogos também já haviam percebido este vazio em termos de pneumatologia.

Endereço do autor:

ITESC - cx postal 5041  
88040-970 FLORIANOPOLIS, SC

## SANTO DOMINGO - A DIMENSÃO BÍBLICA

Pe. Ney Brasil Pereira  
Professor de Exegese

É bom que o Documento final da IV conferência Geral do Episcopado Latino-Americano seja analisado dos mais diversos pontos de vista: pelos teólogos sistemáticos, pelos liturgistas, pastoralistas, biblistas etc, pois todos esses estudos contribuem para sua difusão, aprofundamento e, o que é mais importante, sua realização prática. É nesse sentido que me proponho a ler o Documento, bem como a Mensagem que o antecede, do ponto de vista do exegeta. Que tipo de leitura da Bíblia transparece no Documento? Como nossos Bispos buscaram na Bíblia a iluminação para nossa realidade de América Latina e Caribe, neste final de milênio e nesta efeméride dos 500 anos de evangelização, e tendo em vista a tríplice temática da Assembléia: "nova evangelização, promoção humana, cultura cristã"?

Depois de ler atentamente o Documento e fazer um levantamento das citações e alusões bíblicas nele encontradas, e levando em conta também as indicações do Índice Temático, que apresenta 4 indicações ou princípios sobre a leitura da Bíblia (nn.38,49, 108 e 135, mas cf também nn.33, 140, 143d e 294), proponho o seguinte esquema para o nosso estudo: 1) uma análise específica do lema inspirador da Assenbléia: "*Jesus Cristo ontem, hoje e sempre*", de Hb 13,8; 2) um estudo dos 4, respectivamente 8 princípios sobre a leitura da Bíblia, já mencionados; 3) observações sobre as citações e alusões bíblicas que efetivamente encontramos no Documento. No final, algumas conclusões.

### 1. "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre" Hb 13,8

Como cada texto deve ser analisado no seu contexto, é preciso situar esta afirmação de fé, realmente programática, no conjunto da obra da qual foi extraída. É sabido que a carta aos Hebreus, cujo autor desconhecemos, e cujo local e data de redação também são discutidos (Alexandria? Roma? <sup>(1)</sup>), é um dos escritos mais originais e mais bem elaborados do Novo Testamento. Antes homilia ou tratado teológico do que carta <sup>(2)</sup>, sua originalidade está em aprofundar a cristologia, especialmente o sentido da morte de Jesus, apresentando Jesus como o *Sumo*

*Sacerdote por excelência*, antes, o único Sacerdote digno desse nome, porque, "de uma vez por todas" (Hb 10,10), com o seu auto-sacrifício, reconciliou-nos com Deus. É este o grande tema de toda a "carta", desde o c.3 até o c.10, tema introduzido logo após o esplêndido prólogo que apresenta o Filho como a Palavra definitiva de Deus à humanidade (Hb 1,1-2) e, após o desenvolvimento que o descreve como Redentor glorificado e superior aos anjos, como irmão nosso e nosso "Sumo Sacerdote, misericordioso e fiel" (cf Hb 1,3-14; 2,5-17).

Voltando à nossa afirmação programática, encontramos-na no último capítulo da "carta", na parte exortativa que começa já na metade do c.10 e que, após o extraordinário capítulo sobre "a fé dos antigos" (Hb 11,1-40), insiste na perseverança necessária (Hb 12,1-13), na fidelidade à vocação cristã (Hb 12,14-29) e nas características da verdadeira comunidade (Hb 13,1-18).

---

### Jesus é o Cristo (o Messias), ontem e hoje

---

Nesse c.13, depois de fazer a memória dos líderes evangelizadores "que vos anunciaram a palavra de Deus" e dela deram testemunho, provavelmente pelo martírio (Hb 13,7), e imediatamente antes da exortação a "não se deixar desviar por doutrinas estranhas" (13,9), o autor proclama: "*Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje e pelos séculos*" (13,8). Ou, conforme a BJ e a TEB: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para a eternidade". Na Bíblia da Ave Maria: "Jesus Cristo é sempre o mesmo: ontem, hoje e por toda a eternidade". No Novo Testamento da Nueva Bíblia Española: "Jesús el Mesías es el mismo hoy que ayer e será el mismo siempre". De maneira semelhante a tradução de CHOURAQUI, A., que traduzo literalmente: "Jesus, o Messias, é o mesmo ontem e hoje e nas perenidades" <sup>(3)</sup>. Na Bíblia "Pastoral": "Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje, e será sempre o mesmo".